



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

**CULTO À MAGREZA ENTRE MULHERES NO BRASIL: ALCANCES E  
LIMITES ENTRE O DISCIPLINAMENTO E A FELICIDADE A PARTIR DE  
PRÁTICAS DE CULTO AO CORPO**

MARCELA AMARAL

[marcela.amaral@ufg.br](mailto:marcela.amaral@ufg.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS-UFG/BRASIL



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## CULTO À MAGREZA ENTRE MULHERES NO BRASIL: ALCANCES E LIMITES ENTRE O DISCIPLINAMENTO E A FELICIDADE A PARTIR DE PRÁTICAS DE CULTO AO CORPO

### *Resumo*

O presente trabalho visa tratar do culto ao corpo na contemporaneidade, com enfoque nas práticas de culto à magreza adotadas por mulheres no Brasil. O culto ao corpo, em todas as suas dimensões – atividades físicas, estéticas, entre outras – ocupa espaço significativo na mídia, e, mais recentemente, ganhou evidência no discurso médico, que defende a importância do cuidado com o corpo para a manutenção da saúde. Tem-se, atualmente, um conjunto de novas especialidades médicas dirigidas à manutenção da juventude, prevenção à gordura e intervenções cirúrgicas. Ter o corpo como objeto de reflexão em ciências sociais é um desafio na medida em que nele estão registradas tensões entre o biológico e o social, que continuamente apresentam questões sobre o inato e o aprendido, o universal e o particular, fazendo com que o/a pesquisador/a sintam-se sempre provocado/a a desvendar os seus mais diversos sentidos. O entendimento que orientou a pesquisa, é de que o corpo é uma construção social e cultural contínua, mediada por diferentes interesses, e que como espaço simbólico de marcadores identitários tem grande influência no agrupamento e ordenação dos sujeitos. No que tange às diferenças de gênero determinantes para a construção do sentido do feminino ao longo da história, sabe-se que o corpo foi tomado como uma importante variável para a construção social da mulher, que desde a Antiguidade teve sua representação associada às características corporais, tendo sido por isso alvo de normatização e disciplinamento. A corporeidade feminina vem sendo objeto de controle dos diferentes discursos que as limitam não apenas na dimensão corpórea em si, mas em toda a amplitude de sua existência subjetiva, emoções, medos e sentidos de felicidade. Partindo do pressuposto de que o corpo tem lugar privilegiado no que concerne à construção das identidades de gênero, o trabalho analisa as práticas de culto ao corpo entre mulheres na perspectiva de gênero, articulando as teorias feministas e aos referenciais da teoria social. Tendo a busca pela magreza como critério norteador, a delimitação das dimensões de culto ao corpo foi feita da seguinte forma: práticas estéticas, práticas alimentares e práticas interventivas. Uma vez definidas as práticas



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

estéticas a serem investigadas como a frequência contínua em academias, foi determinado como espaço de coleta de dados uma academia exclusivamente feminina, na qual foram entrevistadas 34 mulheres. A pesquisa identificou, a partir de análise sistemática das práticas estéticas, alimentares e interventivas das mulheres entrevistadas, a presença do culto à magreza como estilo de vida contemporâneo entre as mulheres, que se submetem a um processo de autocontrole e autovigilância permanente, impondo-se limitações no que se refere às relações afetivas, sexuais, escolha de datas para casar ou engravidar, a partir da “construção” do corpo magro.

**Palavras chave:** culto ao corpo; estilo de vida; mulheres.

### *Abstract*

The present work aims to analyze the cult of the body in the contemporary world, with a focus on the practices of cult to thinness adopted by women in Brazil. Body worship, in all its dimensions - physical, aesthetic, and other activities - occupies significant space in the media, and more recently has gained evidence in medical discourse, which advocates the importance of body care for health maintenance. There is currently a set of new medical specialties aimed at youth maintenance, fat prevention and surgical interventions. To have the body as an object of reflection in the social sciences is a challenge insofar as there are registered tensions between the biological and the social, which continually present questions about the innate and the learned, the universal and the particular, the researcher feels always provoked to unveil its most diverse senses. The understanding that guided the research is that the body is a continuous social and cultural construction, mediated by different interests, and that as a symbolic space of identity markers has great influence in the grouping and ordering of subjects. With regard to gender differences that are decisive for the construction of the feminine sense throughout history, it is known that the body was taken as an important variable for the social construction of women, which since antiquity had its representation associated with body characteristics, and was therefore the target of standardization and discipline. Feminine corporeality has been subject of control of the different discourses that limit them not only in the corporeal



XXXI CONGRESO ALAS  
**URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

dimension itself but also in the whole range of their subjective existence, emotions, fears and senses of happiness. Based on the assumption that the body has a privileged place in the construction of gender identities, the work analyzes the practices of culturing the body among women from the gender perspective, articulating feminist theories and the referential of social theory. With the search for thinness as a guiding criterion, the delimitation of the dimensions of body worship was done as follows: aesthetic practices, eating practices and intervention practices. Once defined the aesthetic practices to be investigated as the continuous attendance in academies, an exclusively feminine academy was determined as space of data collection, in which 34 women were interviewed. The research identified, from a systematic analysis of the aesthetic, alimentary and intervention practices of the women interviewed, the presence of the cult of thinness as a contemporary lifestyle among women, who undergo a process of self-control and permanent self-vigilance, imposing limitations regarding affective, sexual relationships, choice of dates to marry or become pregnant, from the "building" of the lean body.

**Keywords:** cult of the body; lifestyle; women.

## CULTO À MAGREZA ENTRE MULHERES NO BRASIL: ALCANCES E LIMITES ENTRE O DISCIPLINAMENTO E A FELICIDADE A PARTIR DE PRÁTICAS DE CULTO AO CORPO

### ***1 - Introdução***

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de minha tese de doutorado, apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília, em que analisei o fenômeno do culto ao corpo entre mulheres, com enfoque nas práticas de culto à magreza. A questão do culto ao corpo, em todas as suas dimensões – atividades físicas, estéticas, entre outras –, já ocupa um espaço significativo na mídia e, mais recentemente, passou a estar presente no contexto do discurso médico, que defende a importância do cuidado com o corpo para a manutenção de saúde. Tem-se atualmente uma série de novas especialidades médicas dirigidas à manutenção da juventude, prevenção do acúmulo de gordura e intervenções cirúrgicas estéticas. Tanto nos espaços midiáticos como no contexto médico o corpo magro aparece como símbolo de saúde, sendo, deste modo, associado também a um paradigma estético, ao sucesso e à distinção social.

Como ponto de partida da referida análise, localizo minhas inquietações acerca de como a magreza se tornou sinônimo de beleza e saúde entre as mulheres. Logo, além de compreender o sentido da aparência corporal para os indivíduos na modernidade – mais especificamente para as mulheres –, me interessou conhecer que práticas as pessoas estão dispostas a adotar para se tornarem magras, ou seja, até que ponto as pessoas aceitam comprometer a sua alimentação, o seu tempo, o seu dinheiro e, principalmente, os seus corpos para alcançarem um ideal de magreza. Já é de conhecimento comum que nesta investida muitos esforços são realizados, seja em consultórios de cirurgias plásticas, seja em academias de ginástica, não apenas mulheres, mas também homens, dedicam partes de suas vidas ao “cuidado” com o corpo e, mais especificamente, ao controle do peso (Costa, 2005; Le Breton, 2006; Sautchuk, 2007).

Ainda no que se refere à tese, é importante destacar que o fenômeno do culto ao corpo, tal qual se manifesta na contemporaneidade, foi entendido como um estilo de vida moderno, na medida em que o corpo ganha centralidade na construção das relações sociais, assim como, as práticas em torno dos usos do corpo podem dar sentido à apresentação e ao reconhecimento dos próprios indivíduos. De acordo com Le Breton “nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si” (2003, p. 31). E para refletir sobre as práticas de culto à magreza adotadas por mulheres, optei por desenvolver o estudo a partir das experiências de mulheres frequentadoras de academias exclusivamente femininas.

Dando aprofundamento à compreensão do culto ao corpo vinculado às práticas de culto à magreza, o fenômeno foi situado em três dimensões distintas:

- ✓ a primeira, de onde partimos, chamamos de **práticas estéticas**, definidas como a frequência contínua e voluntária nas academias de ginástica;
- ✓ a segunda dimensão são as **práticas alimentares**, que foram definidas como o conjunto de dietas e o consumo de alimentos voltados para o emagrecimento e o bem-estar corporal;
- ✓ por último, as práticas **interventivas** nas quais as mulheres aceitam se submeter a cirurgias plásticas e outros tipos de intervenções médico-cirúrgicas com finalidade de emagrecimento e remodelagem do corpo.

Tendo como problemática central do trabalho, a compreensão das motivações das mulheres ao adotarem práticas de culto à magreza a partir das três dimensões acima destacadas é que se desenvolveu a pesquisa, na cidade de Brasília, Distrito Federal. Foram entrevistadas 34 mulheres, entre professoras e alunas, de 19 unidades da academia *Curves*, situadas em diferentes locais da cidade. As academias de ginástica pesquisadas revelaram-se como um espaço repleto de ambiguidades e propiciador de mudanças na vida das mulheres, de transformações que apontam para um recomeço e uma chance para se encontrarem em si e nos/as outros/as.

No decorrer do estudo, foi possível demonstrar como o fenômeno do culto ao corpo opera sobre as mulheres, impondo-lhes magreza como ideal de saúde, beleza e felicidade. A relação entre a satisfação com o peso corporal e as práticas de culto à magreza foi um dos pontos vinculados à ideia de felicidade apresentada pelas mulheres entrevistadas,

confirmando a hipótese de que tais práticas levam à adoção de um estilo de vida. E é justamente no campo de reflexão entre as práticas de disciplinamento orientadas pela busca da magreza e a felicidade alcançada que se situa o presente trabalho, apresentando, assim, parte dos resultados encontrados na citada pesquisa.

## ***II - Fundamentos teóricos e conceituais***

O campo teórico e conceitual que norteou a pesquisa fundamentou-se na compreensão do corpo como objeto de estudo das ciências sociais, enfatizando uma percepção que ultrapassa as características biológicas e seus elementos orgânicos, privilegiando uma perspectiva que trata o corpo em suas dimensões cultural e social. Mais do que isso, a intenção foi problematizar os usos do corpo sob a ótica de gênero, trazendo a perspectiva da teoria feminista em diálogo com referências da teoria social.

A opção pela perspectiva de gênero para pensar as práticas de culto ao corpo e à condição de magreza entre mulheres se faz na medida em que o corpo possui importante lugar no que concerne à construção das identidades de gênero. O uso do termo gênero se remete aos dispositivos de poder que tomam as diferenças biológicas, sobretudo sexuais, como naturais (Scott, 1995; Bandeira, 1996). Nesta perspectiva, a categoria gênero tem caráter relacional e trata das desigualdades sociais e culturais entre os sexos. Retomando os objetivos do estudo, intentou-se refletir sobre os diferentes discursos que incidem sobre as práticas de culto à magreza entre mulheres, dimensionando o culto ao corpo contemporâneo naquilo que recai especificamente ao que é atribuído à identidade feminina.

O conceito de gênero, em sua formulação original desenvolvida pelas feministas na segunda metade do século XX, destaca o papel da dimensão cultural no processo de se construir mulher ou homem, recusando, deste modo, as proposições do determinismo biológico acerca das diferenças baseadas no sexo. Historicamente, os padrões de beleza e os cuidados com a aparência física foram impostos às mulheres como que condição para o desempenho do que é comumente reconhecido como sua identidade de gênero.

Longe de ser uma categoria restrita a uma área científica, apresenta-se como eminentemente interdisciplinar e possibilita a tomada de diferentes fenômenos como

objeto de estudo, não necessariamente no campo das ciências sociais. Nesta perspectiva, o conceito de gênero passou a ser amplamente incorporado nos estudos sobre mulheres – ainda que não consensualmente – pelas possibilidades analíticas que oferece, por se integrar adequadamente às terminologias científicas e indicar a erudição e a objetividade tão requerida no meio acadêmico (Scott, 1995; Piscitelli, 2004). Os arranjos sociais, a história, o acesso aos recursos da sociedade e as formas de representação é que poderiam ser analisados com vistas ao encontro das justificativas para as relações desiguais (Louro, 1997).

Desde então, embora o conceito de gênero tenha se difundido amplamente e ter sido incorporado em diferentes campos disciplinares, é importante mencionar que muitas críticas e reformulações foram lançadas neste debate. Nesta linha, merecem destaque as reflexões de Judith Butler (2010), que também têm como ponto de partida os questionamentos lançados sobre a dualidade entre sexo/gênero e conceito “universal” de mulher como sujeito do feminismo. Ao propor uma problematização das identidades de gênero feminina e feminina, tal como sua apresentação na formulação original do sistema, pretende desfazer o vínculo entre as diferenças anatômicas de machos e fêmeas e os comportamentos que se esperam de “homens” e “mulheres” em decorrência de tais diferenças. O gênero aparece então como algo que não é fixo e por isso não se pode conceber, do seu ponto de vista, uma identidade de gênero una e permanente. Gênero é descrito pela autora como um efeito para afirmar que as identidades são expressões, são transitórias e não caracterizam um sentido em si do sujeito. A preocupação com o obscurecimento e a subordinação de outras categorias, como as de raça ou nacionalidade, também está presente nas reflexões de Donna Haraway (1994), que propõe uma associação de tais categorias.

Sem a pretensão de abordar de modo superficial as críticas direcionadas ao sistema sexo/gênero e ao uso do gênero enquanto categoria analítica, acredito ter alcançado o objetivo de demonstrar o quanto a emergência do conceito de gênero foi importante para os estudos sobre e de mulheres, tanto na perspectiva política quanto acadêmica, assim como a importância de suas releituras e questionamentos. Não reproduzindo uma visão dualista, universal e não problematizada da categoria de gênero, a perspectiva aqui apresentada com vistas à análise do culto ao corpo e à magreza entre as mulheres sinaliza

que, preservadas as particularidades e as diferenças entre elas, a opressão vivida sobre os seus corpos, ainda que em formatos diferenciados – a depender de variáveis como idade, classe, raça e orientação sexual –, parece ser uma característica comum.

Conforme salientado por Piscitelli (2004, p. 46) “O reconhecimento político das mulheres como coletividade ancora-se na ideia de que o que une as mulheres, ultrapassa, em muito, as diferenças entre elas”, tornando, assim, primária a identidade que compartilham. Sendo assim, a opção pela perspectiva de gênero se faz como uma tentativa de observar como as mulheres vivem sua corporeidade e “cultuam” seus corpos no que diz respeito às práticas de magreza e como estas são incorporadas a partir de diferentes discursos, tal qual a mídia, a moda e a medicina.

No âmbito da teoria social, alguns estudos são considerados marcos no que diz respeito às questões que direcionam as reflexões acerca dos usos e práticas relacionadas ao corpo. Como principal referência no estudo das gestualidades e suas eficácias, é imprescindível citar Mauss (2003) com a análise clássica sobre as técnicas corporais em que demonstrou como os usos dos corpos e suas representações variam nas diferentes sociedades e culturas. Sem desconsiderar os efeitos da influência biológica sobre as técnicas corporais, o autor ressalta que estas não são naturalmente dadas, configurando-se como hábitos adquiridos em sociedade a partir das experiências de como as pessoas se utilizam do próprio corpo. Cabe observar, no entanto, que se por um lado o autor privilegiou a dimensão cultural das técnicas corporais, salientando que estas são diferenciadas pelo sexo e atribuindo a características biológicas a capacidade das mulheres para fechar o punho de um modo específico, finda corroborando com perspectivas dualistas sobre o corpo e as capacidades de homens e mulheres que são tidos/as como rápido/lento, ativo/passivo, forte/frágil, constituídas pelo determinismo biológico e que situam a mulher em posições consideradas inferiores.

Entre os pensadores clássicos da Sociologia, Durkheim, em busca da explicação do fato social a partir de outro fato social, mantém a dimensão corporal vinculada à organicidade e à competência das áreas biomédicas. No entanto, em “*O dualismo da natureza humana e suas condições sociais*” (1975), Durkheim trata do modo como o “homem” teria se concebido sempre em sua heterogeneidade em que de um lado está o corpo e do outro a alma, associados ao profano e ao sagrado, respectivamente. Segundo

o seu posicionamento, ainda que ambos estejam interligados, “não pertencem ao mesmo mundo. O corpo faz parte integrante do universo material, tal como o conhecemos pela experiência sensível; a pátria da alma está algures noutra sítio para onde a alma constantemente tende a voltar” (1975, p. 290).

Ainda que o corpo não figure como temática central nas reflexões de Weber, é inegável a relevância de suas contribuições para que se possa analisar a gestão dos corpos na modernidade, bem como sua relação com os processos disciplinares. Seu interesse pela disciplina se fez a partir da associação entre o espírito ascético protestante e a formação do capitalismo ocidental, mas a questão da disciplina não foi abordada apenas por Weber. Enquanto Marx preocupou-se com os efeitos disciplinares do trabalho nas fábricas, Simmel também se debruçou sobre a forma em que são excluídas as características irracionais e instintivas, em razão das exigências do meio urbano capitalista que impõe às personalidades modernas o cálculo e à exatidão determinando um novo estilo de vida (KRIEKEN, 1996).

Na obra de Foucault, mais contemporaneamente, se tem uma retomada do conceito de disciplina a partir de seu interesse acerca do poder disciplinar que, em contraposição ao poder soberano que se impunha no período anterior à formação do estado moderno, opera sobre as mentes, almas e corpos, constituindo assim o sujeito moderno. No que se refere às organizações modernas, em uma perspectiva semelhante à análise weberiana, mas original em determinados aspectos, Foucault (1999) sublinha a questão do controle do tempo e do espaço.

A concepção de que o corpo não é somente um texto da cultura, mas um lugar prático direto de controle social é sustentada por Foucault, mas também por Pierre Bourdieu (2008). Seria pelos hábitos higiênicos, modos à mesa e práticas triviais do cotidiano que a cultura “se faz corpo”. O corpo percebido socialmente, na ótica de Bourdieu (2008) reflete as práticas estabelecidas com a apropriação da natureza pelos indivíduos, isto é, na prática da cultura.

Em uma tentativa de articulação entre as abordagens sobre o corpo na teoria social e no pensamento feminista é que apresentamos alguns apontamentos sobre como o corpo foi abordado por alguns autores, para que a seguir possamos destacar tal abordagem na teoria crítica feminista. Conforme já foi aludido anteriormente, não se pode pensar

singularmente no feminismo e desconsiderar a heterogeneidade que lhe é peculiar. Não é um equívoco afirmar que a reflexão sobre o corpo foi quase que uma constante nas diferentes linhas de abordagem do pensamento feminista. Todavia, é preciso ressaltar que cada autora ou linha de pensamento o fez de maneira particular, ainda que guardem aproximações no que tange à visão crítica do pensamento misógino que “confina as mulheres às exigências biológicas da reprodução na suposição de que, dadas certas transformações biológicas, fisiológicas e endocrinológicas específicas, as mulheres são [...] mais biológicas, mais corporais e mais naturais do que os homens” (Grosz, 2000, p. 68).

Entre as autoras que integram o conjunto do feminismo igualitário é possível identificar duas perspectivas distintas. Uma que identifica no corpo uma limitação para que as mulheres pudessem alcançar a igualdade e outra que percebe o corpo das mulheres dotado de um caráter especial, celebrando as experiências corporais “femininas”. A compreensão das características físicas como limitações que restringiam a participação política da mulher foi apresentada por Beauvoir, na França, mas também por outras feministas, como Firestone, que também aponta a relação entre a subordinação feminina e o processo reprodutivo. Beauvoir apontou a função reprodutora da mulher como responsável pela escravização do corpo das mulheres. A negação da maternidade e o amplo acesso aos meios contraceptivos seriam o caminho para a redefinição da condição feminina e o encontro com a liberdade. Segundo Scavone (2001), neste contexto a maternidade teria sido percebida como um *handicap*, um defeito natural, isto é, da natureza corpórea da mulher, que por isso seriam confinadas em uma bio-classe.

Em direção aposta a estes posicionamentos, chega-se a um ponto em que a maternidade passa a ser representada como um “poder insubstituível” das mulheres e que as reflexões feministas sobre o corpo e a maternidade mantêm uma interlocução com diferentes áreas das ciências humanas e sociais, bem como da psicanálise, resgatando a experiência da maternidade como constituinte da identidade feminina e do poder da mulher (Scavone, 2001).

No âmbito do construcionismo social, o corpo também não é percebido como objeto a ser superado, mas como objeto biológico para o qual devem ser constituídas novas representações. Sendo assim, “não se trata de suplementar o corpo o corpo ou as funções

biológicas; a tarefa é atribuir-lhes novos significados e valores diferentes” (Grosz, 2000, p. 74). Entre as autoras que podem ser incluídas nesta linha é possível destacar as considerações de Kristeva (2001), também marcadas pela tentativa de superação do dualismo tradicional que marca o pensamento ocidental, que se explora a relação entre a corporeidade e os significados sociais que marcam os corpos.

As mudanças no cenário social e político do Brasil, na década de 1980, foram acompanhadas do redirecionamento das bandeiras de luta do feminismo, que além de se institucionalizar em várias organizações pelo país, se abriu para novos horizontes teóricos e políticos. As “políticas do corpo” e as temáticas ligadas à sexualidade ganharam nova projeção, deslocando-se da esfera privada e instalando nas instâncias de discussão política da esfera pública, questões relativas ao corpo, às subjetividades, à família e à saúde (Rago, 2003).

Com este direcionamento, foram repensadas as próprias representações do feminismo e da mulher com o intuito de desconstruir a “imagem negativa” e dessexualizada da mulher feminista e autônoma. Mantendo uma visão crítica sobre os ideais de beleza e as imposições estéticas da mídia sobre a corporeidade feminina, parte desta linha do feminismo contemporâneo incluiu entre suas abordagens reflexões sobre a “estética, o cuidado de si, a saúde e a beleza do corpo” (Rago, 2003, p. 6).

Inserido nesta problemática está o trabalho de Naomi Wolf, *O mito da beleza: como a imagem de beleza são usadas contra as mulheres*, publicado em 1990. O mito da beleza imposto às mulheres, na perspectiva da autora, seria o grande responsável por uma série de doenças que atingem as mulheres na contemporaneidade, como a anorexia, a bulimia, a depressão, o estresse e a falta de auto-estima, motivadas, principalmente, pelas imagens idealizadas de mulheres veiculadas na mídia. No que tange às desordens alimentares que afligem as mulheres e os seus corpos, ainda antes de Wolf, Susie Orbach publicou, em 1978, *Gordura é uma questão feminista*, traduzido para o Brasil em 1986. Já no final da década de 1970, Orbach foi capaz de identificar como a busca da “boa forma” física foi imposta e se tornou uma obsessão para as mulheres, com a larga divulgação de dietas em revistas femininas, a proliferação de consultórios médicos voltados para o emagrecimento e a popularização de alimentos dietéticos.

Butler, conjuntamente com outras autoras como Luce Irigaray, Monique Wittig e outras, se contrapõe ao igualitarismo e defendem o corpo como elemento fundamental para a “compreensão da existência psíquica e social das mulheres” (Grosz, 2000, p. 75), sem percebê-lo, no entanto, como objeto a-histórico e não cultural. Com uma interpretação distinta das feministas que as precedem, tratam o corpo como objeto político, social e cultural, salientando a necessidade de que sejam reconhecidas as diferenças sexuais que não poderão ser superadas por qualquer inovação tecnológica ou ideologia de equidade (Grosz, 2000).

### ***III - Metodologia***

Para além das definições do problema, objetivos e hipóteses que nortearam o desenho metodológico da pesquisa, pode-se destacar como um passo essencial deste processo a classificação das práticas de culto ao corpo conforme as três dimensões já descritas, a saber: práticas estéticas, alimentares e interventivas. Certamente, os limites entre as práticas mencionadas são fluidos e muitas vezes uma pode tomar o lugar da outra ou estarem associadas. Trata-se de uma estratégia metodológica de análise e de uma maneira viável para delimitar o fenômeno em questão.

A academia escolhida foi a *Curves*, também chamada de *Clube Curves*, uma rede franqueada de academias norte-americanas que no ano de 2006 ainda era a grande novidade em *fitness* em Brasília, mesmo contando com cerca de 10.000 unidades franqueadas em todo o mundo. Em uma busca pela internet, através do portal *google*, inseri o nome *Curves* e encontrei o site da academia. Se abriu uma página em tons de lilás<sup>1</sup>, com detalhes cor de rosa, símbolos florais, mensagens remetendo-se à perda de peso e ao pouco tempo dedicado para tal, além da bonequinha puxando sua calça larga próxima à fotografia de uma jovem mulher sorrindo.

---

<sup>1</sup> Curiosamente, a cor do movimento feminista.

Figura 1  
Slogan Curves.



Disponível no endereço eletrônico da academia <http://www.curves.com.br>.

A imagem acima foi o primeiro contato com o que foi o cenário inicial de coleta de dados. Além do emagrecimento – na imagem referindo-se principalmente à “perda” da barriga – o que me chamou a atenção na figura era a expressão de felicidade, isto é, a felicidade alcançada pela perda de peso.

A técnica da entrevista foi escolhida como procedimento de coleta de dados, pois, em se tratando de uma pesquisa qualitativa que busca compreender sentidos, motivações e valores, acredita-se que esta é a forma mais adequada de acessar este universo. Muito além de apenas conhecer a opinião das pessoas sobre um assunto específico, a pesquisa qualitativa permite explorar as opiniões e representações sobre a questão em si (Gaskell, 2000). Sabe-se que pela via da pesquisa qualitativa é que se tem acesso aos detalhes e por onde é possível se aprofundar na compreensão das subjetividades e suas relações com o fenômeno em análise.

. Segundo Haguette (1997), a entrevista pode ser entendida como um processo de interação social que tem em uma das pontas o/a pesquisador/a ou entrevistador/a, ou seja, aquele/a que busca as informações de quem está na outra ponta, o/a entrevistado/a, o/a informante da pesquisa. A interação efetiva entre pesquisador/a e atores sociais me parece ser um dos pontos fortes da pesquisa qualitativa mediada por entrevistas e observações que permitem uma melhor percepção das práticas, dos gestos e da própria fala.

O roteiro da entrevista caracteriza-se como semi-estruturado, confirmando que a combinação de diferentes tipos de questões associadas à flexibilização do roteiro em si,

permite que o/a entrevistado/a possa discorrer sobre o tema proposto ou que o/a entrevistador/a explore aspectos que foram previamente estabelecidos no roteiro. Trazendo à luz as reflexões de Bourdieu (1997, p. 708) sobre a condução de entrevistas, o/a sociólogo/a deve atuar “à maneira de um parteiro” no sentido de prover condições para que o/a pesquisado/a dê o seu depoimento, livrando-se de suas verdades.

Para o registro das observações e entrevistas foram utilizados dois gravadores digitais e o diário de campo. A utilização destes recursos foi de grande importância para assegurar o registro e a fidedignidade das informações. Além destes recursos, foi utilizado em apenas duas unidades o recurso da fotografia. Com a permissão da gerência da academia, pude fotografar as instalações de duas unidades, evitando a identificação das pessoas e preferencialmente quando houvesse o menor número de alunas no circuito. A pesquisa foi realizada com 34 mulheres, sendo 25 alunas e 09 profissionais.

#### ***IV – Análise e discussão de dados***

O culto ao corpo figura como uma das principais preocupações da sociedade contemporânea, desde o início do século XX com a maior visibilidade do corpo inicialmente provocada pelo discurso médico, mas também pelas transformações sociais que incidiram diretamente sobre a corporeidade. No Brasil, o conceito de culto ao corpo vem sendo objeto de reflexão de vários/as pesquisadores/as que geralmente o tomam a partir do entendimento de uma cultura de atitudes com relação ao corpo, que envolve tanto o consumo de produtos e diversos, como um sentido de adoração diante das possibilidades modernas de construção da aparência. Trabalhos como os de Goldenberg e Ramos (2002), Malysse (2002) e Sabino (2002), que compõe junto a outros artigos o livro *Nu e Vestido* (2002), além da tese de Castro (2003) *Culto ao corpo e sociedade*, entre outros, revelam a importância de estudos no âmbito das ciências acerca desta problemática, sobretudo frente ao alcance que o fenômeno do culto ao corpo apresenta na sociedade brasileira.

Nesta perspectiva, o culto ao corpo não se refere apenas à prática de atividades físicas, esportes e academias de ginásticas, mas a uma série de outras práticas de consumo, como a de cosméticos, fármacos, vestuário e alimentação, além do estabelecimento de

novos padrões de higiene fisiológica. É todo um conjunto de elementos que começa a ganhar cada vez mais espaço na sociedade contemporânea e que vai se radicalizar na passagem do século XX para o século XXI (Castro 2003).

Ainda que sejam resguardadas as notáveis diferenças entre as práticas possíveis em grupos economicamente mais ou menos privilegiados economicamente – o tipo de academia ou esporte que cada grupo tem acesso, a possibilidade de consultas médicas em determinadas especialidades e o consumo de alimentos *diet* ou *light* são práticas que dependem da detenção de um certo capital econômico –, a grande população “sofre” a imposição de um mesmo padrão corporal que associa saúde, beleza, magreza e juventude, amplamente difundido pelo discurso midiático e que recai, principalmente sobre as mulheres. As referências às “celebridades” e suas histórias de sucesso com a perda de peso foram frequentes nas entrevistas.

*[...] a gente quer ficar magra porque é bonito né...tanta mulher linda magra que a gente quer ficar igual...ninguém quer ser feia e a verdade é que todo mundo espera que a gente se cuide e esteja sempre bonita...magra e jovem....principalmente as mulheres....tem homem vaidoso mas mulher é sempre mais cobrada...porque se a gente vê na TV uma Carolina Dieckman uma Débora Seco....todo mundo acha elas lindas e quer ficar igual...e elas são magras e lindas...mas pra gente chegar lá tem que correr atrás e não é fácil...tem que ter muito controle e força de vontade (SLNI)*

Muito mais do que a simples imitação ou reprodução da aparência de pessoas famosas e ricas, busca-se um estilo de vida, um ideal de felicidade, sucesso e reconhecimento que está intimamente relacionado ao poder que se tem sobre o corpo e ao autocontrole. A reprodução ou imitação de práticas corporais ou comportamentos não são exclusivas das sociedades modernas. Ao contrário, historicamente, a imitação tem um papel preponderante na socialização e na construção dos comportamentos aceitos pela coletividade, em diferentes contextos históricos e sociais.

A ideologia do corpo perfeito nascente no século XX fez emergir a crença de que a todos/as é possível alcançar o modelo de beleza padrão. Não só é possível, como é uma obrigação das mulheres estarem sempre nesta busca do emagrecimento, da beleza, da juventude, seja através de dietas, de atividades físicas, tinturas que cobrem os cabelos

brancos ou cirurgias plásticas que fazem sumir as rugas reveladoras da idade. A indústria da beleza, associada à indústria cultural, sobretudo por intermédio da mídia, passou a difundir padrões e estilos de vida com grande influência sobre as subjetividades, em que as mulheres foram levadas a acreditar que trilhando o percurso do trinômio saúde/beleza/juventude iriam de encontro à felicidade. “É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorado” (Del Priore, 2000, p. 92).

Entre as entrevistadas, esta articulação entre beleza e felicidade é muito frequente. Na mesma lógica em que se insere a busca incessante pela satisfação através do consumo, para ser feliz, na cultura do corpo, não basta ser bonita, é preciso se esforçar constantemente em busca deste objetivo.

*Quando eu venho pra cá tem dias que to com muita preguiça...nem sempre to animada...o que anima a gente é quando vai pesar ou medir e ver que conseguiu perder...aí é só felicidade...agora quando isso dá errado...quando não perde nada...pior ainda quando ganha...dá um desânimo....por isso que é importante manter a disciplina...a frequência...seguir os conselhos das professoras na alimentação também...fazendo tudo direitinho com um pouco de sacrifício a gente chega lá...(e eu perguntei onde)...ah...a gente consegue ficar bonita...se sentir bonita e isso deixa a gente feliz...não tem preço (SASI).*

Em diferentes momentos da pesquisa as entrevistas apresentaram a articulação entre a felicidade e a beleza em contextos diversos, mas reafirmando a importância desta relação em suas vidas. A felicidade foi relacionada, por exemplo, ao objetivo alcançado e como isso representa uma motivação para o que foi chamado de “sacrifício”. A felicidade alcançada “não tem preço” e por isso ela se empenha em dar continuidade ao ciclo, mesmo que nem sempre tenha vontade para isso. Também foi ressaltado a importância da magreza como característica de beleza e condição para a felicidade, além da vinculação da beleza e da magreza ao sucesso profissional. Uma das entrevistadas foi enfática ao dizer que só se pode alcançar a felicidade quando se está “de bem com o corpo”.

Ao serem questionadas a respeito da beleza para mulher, houve quem respondesse que a mulher bonita é aquela que está “Bem com ela mesma...que se aceita” (SGU4),

ainda que esta referência ao bem-estar fosse diretamente relacionada à satisfação com o corpo, conforme a resposta da entrevistada quando perguntada sobre o que significava pra ela sentir-se “*bem com ela mesma*”: “[...] *é estar satisfeita com o corpo...se olhar no espelho e se sentir bem mesmo com uma gordurinha aqui e outra ali*” (SGU4).

Apesar do sentido de estar bem ou se aceitar poder ser relacionado à ideia de valorização da beleza interior, é interessante observar como na própria resposta fica evidenciado que ter “*uma gordurinha aqui e outra ali*” não é parte do que gera satisfação com o corpo e felicidade. Ao contrário, a presença da “gordurinha” precisa ser aceita e provavelmente superada a partir de um certo esforço.

Quando estimuladas a descrever uma mulher bonita, as referências de beleza foram ora relacionadas às partes do corpo que sinalizam um ideal estético, ora a características de segurança, felicidade, poder e aceitação do corpo, denotando uma relação com um ideal de beleza interior, como já foi explicitado aqui. Em algumas respostas, para se encorajarem a relacionar beleza com ideais físicos e não espirituais ou psicológicos, parte das mulheres atribuiu o modelo descrito como um padrão imposto pela mídia ou pela sociedade, e não necessariamente o que elas acreditavam ser referências de beleza feminina.

## V – Conclusões

O dever de manter a forma, de cuidar do corpo e de retardar o envelhecimento pela disciplina dos corpos seja pela via das atividades físicas, das dietas restritivas ou do consumo de fármacos e cosméticos, vem, na passagem do século, se configurando como um estilo de vida que tem o corpo como fonte de satisfação. A satisfação ou a felicidade que se tem a partir do corpo é, comumente, obtida através da dor, do sofrimento ou da restrição. Mas como foi relatado pelas sócias entrevistadas, é “um sacrifício que compensa” quando se tem resultado, que para grande parte delas significa peso perdido.

*[...] foi uma luta difícil porque eu freqüento lugares que tem comida muito à vontade...muito gostoso e você quer comer mas você faz aquele sacrifício pra não comer e faz...sabe representa o quê? A conquista de um sacrifício tá entendendo...é uma conquista...quando a gente vem e*

*pesa aí vê que conseguiu é muita felicidade...quanto mais feliz a gente se sente...mais bonita a gente fica...e todo mundo percebe isso (STG1)*

A felicidade foi indicada por várias entrevistadas como sinal de beleza interior. Assim como as características de aceitação, gosto por si e auto-estima, a felicidade esteve frequentemente relacionada à magreza, seja quando esta foi citada de forma clara, isto é, quando responderam “a mulher bonita tem que ser magra”, seja quando utilizaram adjetivos outros, tais como “corpo sarado”, “tudo no lugar”, “corpo definido”, “sarada”, “boa forma”, entre outros.

Em diferentes momentos, o cuidado com o corpo foi apresentado como um elemento marcante para a continuidade ou harmonia do casamento. Ao mesmo tempo, o divórcio foi apontado ora como um acontecimento com influência para que as mulheres abandonassem a estética corporal, ora como fator decisivo para que decidissem transformar e direcionar todas as dimensões de suas vidas para o culto ao corpo através da academia, das dietas e das cirurgias plásticas.

Em alguns casos, a vergonha do corpo e a angústia vivida pela infelicidade no casamento são motivadas pelos próprios companheiros que cobram das mulheres uma apresentação desejável, ainda que não necessariamente relacionado à magreza – exceto nos casos em que há um excesso de peso muito significativo – , mas à vaidade e aos cuidados com a apresentação de uma forma geral. Em outras situações, o ganho de peso com a maternidade é apontado como o início do sentimento de insatisfação com o corpo que trouxe, como consequência, a anulação da vida sexual somente retomada após o ingresso na academia e a perda de peso.

No conjunto dos relatos e histórias de vida das entrevistadas, há mulheres que adiaram o casamento ou a maternidade porque deveriam emagrecer antes. Outras que deixaram de fazer uma viagem ou de se relacionar afetivamente por vergonha de expor o corpo em público. Há as que se recusam a comprar roupas no tamanho adequado ao seu corpo, se submeteram a procedimentos cirúrgicos significativamente invasivos ou levaram o corpo ao limite com dietas extremas. Estas e outras histórias que não puderam, por uma razão ou outra, ser exploradas neste trabalho, demonstram como em nome de

uma “felicidade maior” associada à beleza e à magreza, as mulheres abrem mão de outras felicidades do seu dia-a-dia.

Analisando a cultura do consumo estabelecida na contemporaneidade, Baudrillard (2007) evidencia como a indústria capitalista associa o consumo à felicidade, fazendo despertar nas pessoas o desejo pela posse de bens imersos em um ideal de realização amplamente divulgado pelos instrumentos midiáticos. O corpo, como objeto de consumo, também é alvo da indústria que, tal como observado por Del Priore (2000, p. 92) “[...] ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual”. A felicidade é associada à beleza que, por sua vez, é construída a partir de referências de magreza, tornando-se este o objetivo maior.

As mulheres são envolvidas em uma rede de discursos que incentivam a padronização dos corpos e da beleza a partir de critérios “universais” que não consideram as diferenças de gênero, raça, etnia, classe ou geração, e, ao mesmo tempo, proclamam as diferenças quando afirmam que as mulheres devem ser felizes consigo mesmas. As ideias de aceitação de si e felicidade interior foram recorrentes nos discursos das entrevistadas sobre beleza, apresentando-se como uma repetição deste tipo de mensagem midiática. As mulheres são levadas a viver esta angústia entre a padronização e a valorização das identidades.

## **VI – Bibliografia**

BANDEIRA, Lourdes. A construção da cidadania social das mulheres no Brasil. **Série Sociológica**, n. 35. Brasília, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 2003.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 151-168.



XXXI CONGRESO ALAS  
**URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo no Brasil.** São Paulo: SENAC, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu.** (14), 2000, p. 45-86.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. , p. 14-27, 1995.

KRIEKEN, Robert Van. A organização da alma: Elias e Foucault sobre a disciplina e o eu. **Plural.** Sociologia, USP, São Paulo, 1996, p. 153-180.

KRISTEVA, Julia; CLÉMENT, Catherine. **O feminino e o sagrado.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOPES, Maria Margaret; SOUSA, Lia G. P.; SOMBRIO, Mariana M. de O. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Gênero.** Niterói, v. 5, n. 1, 2004, p. 97-109.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-138.



MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

ORBACH, Susie. **Gordura é uma questão feminista**. 1986.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Claudia de L.; SCHMIDT, Simone (orgs). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos anos de chumbo à era global. **Labrys, estudos feministas**. 2003.

SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 139-188.

SCAVONE, Lucila. **Dar e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: Unesp, 2004. **Pagu**. (16) 2001, p. 137-150.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132007000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.